

D. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello, por Graça de Deos, e da Santa Sé Apostolica Arcebispo, e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, do Conselho de SUA Magestade FIDELISSIMA &c.

Ao Clero e Povo de toda a nossa Diocese, saude, Paz, e Benção.

SEM algum merito nosso collocados pela Divina Providencia sobre a Cadeira da Santa Igreja Metropolitana de Braga, Primaz das Hespanhas, e despertados pelo exemplo de tantos, e tão esclarecidos, e virtuosos Prelados, que com grande reputação, e glória regerão a mesma Sancta Igreja, não podemos deixar de considerar, e reconhecer a obrigação, em que nos achamos constituídos, de vigiar com a maior attenção, e desvelo, sobre o Rebanho, remido com o precioso sangue de Jesus Christo, que a mesma Divina Providencia encomendou ao nosso cuidado, para lhe darmos o celestial alimento da verdadeira doutrina, e espirital direcção pelo caminho da bemaventurança: obrigação esta tão estreita, e apertada, quanto he certo, que o Senhor, como nos ameaça pelo seu Profeta Ezechiel, pedirá das nossas mãos o sangue de qualquér ovelha, que haja de perder-se por nosso descuido, e indolencia.

Ezech.
Cap. 3.º
v. 18.

Mas se em nenhum tempo deve cessar este nosso vigilante cuidado, pois que o Apostolo na pessoa de Timotheo esconjuro a todos os Bispos, que preguem a palavra, que instem a tempo, e fóra de tempo, que reprehendão, suppliquem, e ameacem, agora maior convem ser a nossa diligencia. Na verdade, amados Filhos em Jesus Christo, a quasi

2.º Ep.
Cap. 2.º
v. 2.



geral relaxação, que antes, com grande magoa do nosso espirito, diremos corrupção dos costumes, altamente a reclama. A guerra, que por tantos annos assolou estes Reinos, e os livros dos falsos Philosophos, que abusando do seu talento, e litteratura, como que tem pertendido arrancar do coração dos Fieis os sentimentos de Religião, que com alegre ufania se glorião de professar, tem produzido a devassidão, que lamentamos. Daqui nascerão as intrigas, as calumnias, os odios, as injustiças, a falta de respeito, e obediencia ás Authoridades, o esfriamento na devoção; lamentaveis males, e que sobre maneira forão augmentados pelo fogo do scisma religioso, outr'ora assoprado pelo inimigo serpentino, que lhe communicou seu pestifero veneno. Ah! meus amados Filhos, se ao delineamento deste quadro, que bem indica o deploravel estado, em que se achão os costumes n'esta nossa infelizidade, juntassemos algumas côres, o fariamos horroroso. Mas devemos pouparvos este desgosto, por que só este esbôço, assim mesmo simples, e singelo, que apresentamos aos vossos olhos de nós demanda, que nos esforcemos a levantar a voz, e procuremos, que os nossos brados penetrem vossos ouvidos. Nossas paternaes admoestações só terão por fim fazer, que em vossos corações se excitem sentimentos de Religião, por nossos peccados hoje tão descahida, se emendem os costumes descompostos, e se restabeleça a observancia das Leis Divinas, e Humanas.

Primeiro que tudo vos exhortamos, que tenhaes o maior cuidado, e vigilancia em conservar nos vossos animos em toda a sua pureza a Fè Catholica, que he certamente a dadiva mais precio-

sa, que temos recebido do Ceo, e a herança mais rica, que nos hão transmittido nossos Pais. Todos os homens, vós o não ignoraes, nascem filhos de ira, e sujeitos ao duro imperio do Principe das trevas, e n' este tão miseravel estado não he possível haver pensamento, sentimento, desejo, e acção alguma exterior, que seja agradavel a Deos. Mas os que acreditão, que o seu Unigenito Filho nasceo de huma Virgem, destinada desde toda a eternidade para Nella se operar o augusto, e admiravel mysterio da Encarnação; que morreo na Cruz para remir, e salvar o genero humano; que resuscitou cercado de gloria; e que alem disso acreditão todos os Dogmas, que o mesmo Filho de Deos se dignou revelar aos homens; em huma palavra, os que tem fé em Jesus Christo, sendo viva esta sua fé, de filhos de ira, que erão, se tornão filhos de benção; ficão despedaçados os ferros, que arrastavão no captiveiro de Satana; são amados do Pai Celestial, e herdeiros dos ineffaveis bens, de que gozão os Bemaventurados. Helgo a fé em Jesus Christo, como declarou o Sancto Concilio Tridentino, o principio da salvação dos homens, e o fundamento, e raiz de toda a justificação, sem a qual he impossivel agradar a Deos, e chegar a conseguir a companhia dos seus filhos.

Mas quanto mais precioso he este thesouro, tanto mais vigilante deve ser o nosso cuidado em evitarmos o perigo de o perder; e como os perigos não sendo conhecidos, difficilmente se podem evitar, faltariamos aos devêres do nosso ministerio, se não descobrissemos aos vossos olhos o maior, e o mais eminentemente perigo, a que está ex-

sess. 6.^a
Cap. 2.^o

posta a vossa fé. Crede-me, meus amados Filhos, que de todos os meios, que o ardiloso inimigo commum tem empregado para extinguir nos animos dos Christãos a luz da fé, que no Baptismo recebemos, nenhum he tão efficaz, tão poderoso, e tão conducente a este seu damnado fim, como são as falsas doutrinas, os dogmas impios, e as impudentes torpezas, que elle tem inspirado aos chamados sabios, ou Philosophos do seculo passado, e presente, as quaes huns por fins sinistros, outros para captarem huma vã gloria, sem algum temor de Deos, divulgarão nos seus escriptos, que o mesmo inimiga commum tem feito correr com incrível celeridade por todo o mundo Christão.

Pelos assumptos dos seus livros, conhecereis quão perigosa he a sua lição. Em todos os seculos tem havido hereges, que combaterão hum, ou outro Dogma da Fé Catholica; mas os incredulos destes ultimos tempos trabalharão, e não cessão de trabalhar, em a destruir pela raiz. Huns (quão lastimosa he a sua cegueira!) negão a existencia d'um Deos, que os Ceos, e o firmamento, como diz o Psalmista, assás declararão. Outros pertendem mostrar, que o nosso corpo não he animado de huma alma espiritual, e immortal, e que a substancia chamada alma he pura materia, que, como tal, acaba com o corpo: como se á materia (quanto são incoherentes!) possão attribuir-se as propriedades, ou qualidades, que adornão o homem, quaes são o pensar, desejar, amar, e aborrecer; quaes são as nobres faculdades da Razão, da Vontade, e da Consciencia, que na mesma materia não podem reconhecer, estando demonstrado, repugnarem com as principaes qualida-

Salmo 18.

v. 1.º

des, que n'ella conhecemos. Estes filhos da perdição, por que o temem, destróem o salutar dogma da vida futura, que para os justos he hum objecto de consoladoras esperanças, e para os peccadores hum poderoso motivo para entrarem no caminho da salvação, convertendo-se a Deos por huma sincera penitencia. Outros tem espargido hum ar de indifferença total sobre todas as verdades, que formão o objecto da crença dos Christãos, espalhando a doutrina da indifferença total em materia de Religião; como se podesse ser agradavel a Deos o culto, que os homens lhe prestão, não sendo ordenado por aquelle modo, que o mesmo Deos lhes revelou. Finalmente tem chegado a impudencia de alguns a excitarem com seus escriptos, e pinturas a torpe sensualidade, que começando por corromper o coração do homem, acaba por cegar seu entendimento. Imitando o zelo do Apostolo, que na Epistola, que dirigio aos Colossenses, para os acautellar dos falsos Doutores, lhes disse *Vede não vos apanhe quem com a sua Philosophia, e com seus fallaces raciocinios, encarecidamente vos rogamos, eviteis a lição de taes livros, que, favorecendo as paixões, pois que as impias, e falsas doutrinas, que ensinão, quebrão, e inteiramente dissolvem os vinculos, que reprimem o homem, e o fazem conter nos seus deveres, e seduzindo facilmente os incautos, e ignorantes com hum estilo agradavel, e encantador, que lizonjeando os ouvidos, facilmente se ensinúa no coração, tem sido causa (a triste experiencia assim o mostra) de se perder em huns a Religião, em outros a pureza della, e em todos os que amão a sua lição, de ficarem nos seus animos entre os cardos da corrupção, e impiedade,*

*Ep. aos
Colo. Cap.
2.º v. 8.*

que inspirão, suffocadas as Santissimas maximas do Evangelho, ensinadas por Jesus Christo, interpretadas pelos seus Apostolos, explicadas pelos veneraveis Padres da Igreja, e finalmente declaradas no infalivel Tribunal da mesma Igreja, que he o firmamento, e columna da verdade. Evitai, vos tornamos a rogar com o maior encarecimento, a lição de taes livros, que deveis temer, como perigosos escolhos, em que a vossa fé pode fazer hum lastimoso naufragio; e em quanto não damos explicitas providencias sobre tão importante, e tão ponderoso objecto, sirva-vos de guia á cerca dos livros convenientes á vossa instrucção, e recreação a seguinte regra. *Fugi, como de serpentes venenosas, não so daquelles livros, que na opinião dos homens illustrados, e de reconhecida virtude, atacão directamente a nossa Santa, Unica, e verdadeira Religião, e os bons costumes, mas tambem os que forem suspeitos na Fé.*

Fallando sobre esta materia, não podemos deixar de exhortar mais particularmente todos os Pais de familia, e quaesquer educadores da mocidade. Lembrai-vos, meus Filhos, que das maximas, e principios bebidos na idade tenra, depende principalmente o character, e inclinação dos homens, e que será sempre máo filho, máo esposo, máo pai, e máo cidadão aquelle, que não for educado nos principios da fé, e moral christãa. Da idade tenra devem apartar-se com maior cuidado os livros de doutrinas, e maximas perniciosas, que facilmente entrão em espiritos de poucos conhecimentos, e os livros torpes, e obscenos, que despertando as paixões, são causa da maior parte dos vicios na i-

dade adulta. He este talvez o unico meio de por hum dique á corrupção dos costumes, e preparar huma geração educada religiosamente, o que será hum triumpho para a Religião, e hum dos maiores beneficios para a Patria.

Não basta porem em ordem á vossa salvação eterna, que nos vossos animos conserveis em toda a sua pureza a fé, que recebesteis no Baptismo; he necessario, que ella seja viva, isto he, acompanhada da caridade, que he aquella sublime virtude, pela qual amamos a Deos sobre todas as cousas, a nós mesmos, e ao proximo, mas por amor, e em respeito a Deos. De todas as verdades, que são objecto da Theologia Dogmatica, nenhuma outra se acha mais expressamente declarada nas Sagradas Escripuras; e na verdade he para admirar, que os Novadores inspirem aos seus Proselytos a vã, e sacrilega confiança de que os homens se justificão só pela fé.

O Apostolo S. Thiago na sua Epistola catholica, diz: *a fé, que não tem obras he morta em si mesma*, e mais abaixo acrescenta: *Tu crês que ha hum só Deos fazes bem*. A' vista destes lugares he incontestavel, que os christãos, que se achão fóra da graça de Deos, conservão verdadeira fé, pois o Apostolo qualifica de bons os seus effeitos; mas esta fé, porisso que he morta, não justifica, nem pode justificar o peccador; o mesmo Apostolo diz em outro lugar, *de que servirá dizer hum que tem fé, se elle não tem obras? Acaso pode-lo-ha salvar a fé?* Na verdade se he lastimoso o estado dos infieis, pois que a fé he o principio da salvação dos homens, e o fundamento, e raiz de toda a justificação, sem a qual he impossivel agradar a Deos,

Cap. 2.
v. 17.

v. 19.

v. 14.

como declarou o citado Concilio Tridentino, he tambem deploravel o estado dos christãos, cuja fé não he acompanhada das obras da caridade. Elles sim estão unidos ao corpo místico da Igreja, cuja cabeça he Jesus Christo, mas são membros mortos deste brilhante corpo, por que não são animados pela graça de Deos, e vivificados pelos Dons do Espirito Sancto, que a cabeça do mesmo corpo Jesus Christo comunica aos membros, que he estão unidos pela caridade. São semelhantes aos membros paraliticos do corpo humano, que por não serem vivificados pela alma, são membros, como mortos, sem força, sem vigor, e sem alguma acção: e tão deploravel he o estado dos christãos, que não estão unidos a Jesus Christo pela caridade, que as acções verdadeiramente religiosas, e santas em todas as suas circumstancias, que obrão em tão infeliz estado, ainda que os dispoem á sua conversão, servindo-lhes de meios para alcançar a misericordia de Deos (he erro grosseiro dizer, que as acções boas em si mesmo em consequencia do peccado, ou no estado do peccado, vem a ser más, e criminosas), contudo nada merecem para o Ceo, e são eterna, e absolutamente perdidas. Ouvi o Apostolo das gentes: *Se eu, meus Irmãos, dizia elle escre-*

1.^o aos Co- vindo aos Corinthios, *fallar as linguas dos homens*
 rinth. Cap. e dos Anjos, e não tiver caridade, sou como o metal
 13. v. 1.^o e que soa, e como o sino, que tine, e se eu tiver toda a
 seguintes. *fé, que he possível, até ao ponto de transportar os*
montes, se eu não tiver caridade não sou nada. E se
eu distribuir todos os meus bens em sustento dos po-
bres, e entregar o meu corpo a ser queimado, se eu
não tiver caridade, nada disto me aproveita. Deste
 lugar S. João Chrisostimo conclue, o que nos mes-

mos devemos concluir, que o peccado faz desapparecer aos olhos de Deos tudo o que nas acções dos homens ha de mais heroico, e grande. E ainda mais deveis saber, que esses mesmos actos praticados no estado do grave peccado, nunca recobrarão o merito, que pelo mesmo peccado, perderão: posto que o peccador se converta a Deos, e o seu coração se abraze no Amor Divino, sempre aquelles actos ficarão estereis, infructuosos, e sempre esquecidos, e reprovados, por que não serão marcados com o sello da graça santificante, que só pode fazer as nossas acções agradaveis a Deos e meritorias.

Sendo pois certo, e incontestavel, que os homens não se justificão só pela fé, e por conseguinte que nenhum adulto se pode salvar sem a virtude da caridade, e não sendo menos certo, que de todos os interesses do homem o mais importante he a salvação eterna, não podeis duvidar, que todas as vossas cogitações, todo o vosso cuidado, e diligencia, se devem encaminhar, e dirigir a conservar aquella preciosa virtude, que do Céo recebemos pelo Baptismo, e recobral-a, sendo infelizmente perdida, por meio do Sacramento da Penitencia; e podemos assegurar-vos, que sendo vós ajudados pela Graça de Deos, que não a nega a quem lha pede, = pedi, e dar-se-vos-ha = não vos será muito difficil, não vos causará grande trabalho, viver unidos a Jesus Christo pela virtude da caridade. Por quanto o jugo do Senhor he suave, e leve, e para vivermos naquelle tão feliz estado, o Evangelho não exige de nós acções heroicãs; não he necessario, que distribuamos todos os nossos bens pelos pobres; que abandonemos a sociedade dos homens para nos entranharmos nos ermos, e

Math.
Cap. 7.
v. 7.

Math.
Cap. 11.
v. 30.

passarmos ali huma vida contemplativa, acompanhada de austeras penitencias; que pelo martyrio rubriquemos com o nosso sangue o Evangelho de Jesus Christo, quando a honra de Deos o não exige de nós; nada disto he necessario, mas basta

Math. Cap. que observemos a lei *guarda os Mandamentos*, *pa-*
19. v. 17. lavras com que o Filho de Deos respondeo ao mancebo, que lhe perguntou o que devia fazer para se salvar. Mas os Mandamentos escriptos pelo dedo de Deos nas alturas do monte Sinai, e promulgados no Evangelho a todo o genero humano, se conformão tanto com a nossa natureza, pois são a expressão daquelles sentimentos, que o Creator imprime no coração do homem, que na sua observancia só podem achar grande difficuldade, e encontrar grande trabalho os que estão depravados, e corrompidos por habitos máos, e viciosos. E na verdade que determinão aquelles Mandamentos? Amarás a Deos, e ao proximo como a ti mesmo. Nestes dois preceitos se encerra toda a Lei Divina, Eterna, e Immudavel. Mas quão poderosos são os motivos, que nos impellem ao Amor de Deos? Se o amor he o sentimento, com que o coração propende para o que lhe parece amavel, fazendo disso o objecto das suas affeições, e dezejos; e se as cousas nos parecem tanto mais amaveis, quanto mais singulares são, e notaveis as perfeições, que n'ellas descobrimos, nenhuma cousa nos pode ser mais natural, do que amarmos a Deos de toda a nossa alma, e de todo o nosso coração, pois que em Deos estão unidas não só as perfeições, que podemos imaginar, mas tambem todas as possiveis.

Além disto o homem, que tem o coração bem formado, não pode deixar de amar o seu bemfeitor: e que beneficios não recebemos, e temos re-

recebido das munificas mãos de Deos? São innumereáveis. Basta dizer, que além da nossa existencia, e das faculdades intellectuaes, que tanto enobrecem a natureza humana, todas as couzas, que contribuem para a nossa perfeição, e verdadeira felicidade, todas ellas são dadivas de Deos. E na verdade se Deos tem cuidado dos lirios, vestindo-os com tal primor, que o mesmo Salomão em toda a sua gloria nunca se cobrio como hum delles, quanto mais cuidará Deos dos homens, tendo sido o nosso primeiro Pai formado á sua imagem? Mas toda essa immensidade de beneficios, que recebemos de Deos, he nada, comparados com o beneficio da Redempção. O Filho de Deos, deixando as moradas Celestiaes, baixou á terra; vestio-se de carne humana; por trinta e tres annos soffreu os incommodos, e trabalhos proprios da nossa natureza; viveo por todo este tempo em summa pobreza, pois que não tinha onde reclinar a cabeça, e por sua morte não deixou outros bens, que os seus vestidos. Depois de ter instruido os homens nos Preceitos da moral a mais pura, e a mais sublime, e instituido o Sacramento da Eucharistia para habitar com os homens n' este mundo até á consummação dos seculos, morreo na cruz, soffrendo além das dores, que acompañão hum genero de morte tão cruel, os maiores insultos, injurias, e affrontas. E tudo isto para que fim? Para admir (a resposta a esta pergunta deve confundir o peccador) para remir o genero humano do captiveiro do demonio, e livra-lo do inferno, a que estava condemnado. Ah! meus amados Filhos, os que não amão o nosso Creador, e Redemptor, sendo Elle o summo Bem, e tendo-nos penhorado com tantos, e tão extraordinarios beneficios, parece que não tem fé. Mas he certo que

Math.
Cap. 6.
v. 29.

Genes.
Cap. 1.
v. 27.

Math.
Cap. 8.
v. 20.

Marc.
Cap. 10.
v. 4.

tem verdadeira fé, pois que os Padres Tridentinos illustrados pelo Divino espirito fulminarão a terrivel censura da excommunhão contra os que dissessem o contrario. A cauza desta tão notavel contradicção, que se observa nos homens, he a concupiscencia, funesta herança, que nos ha transmittido a prevaricação dos nossos primeiros Pais; por que este tão desordenado, e tão vehemente appetite muitas vezes poem a nossa alma em estado de tal perturbação, que ella difficulosamente pode ver, e contemplar as infinitas perfeições de Deos, e quasi que apaga na nossa memoria a lembrança dos inestimaveis beneficios, que temos recebido do nosso Creator, e Redemptor. Amemos pois, meus Amados Filhos, o nosso Deos de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, e de todo o nosso entendimento, e sejam repetidos os actos, em que o nosso coração se inflame n'este suavissimo amor.

Math.
Cap. 22
v. 37.

He na verdade para admirar que homens catholicos ensinassem sobre este objecto doutrinas tão mal soantes aos ouvidos christãos, ou antes diemos, que ouvidos christãos não podem sopor-tar. Disserão huns, que o preceito do amor de Deos tão somente por si obriga no artigo de morte; outros não se atreverão a decidir, se peccão gravemente os que em toda a sua vida apenas fazem hum acto d'amor de Deos; e outros julgarão como provavel, que nem ainda de cinco em cinco annos somos rigorosamente obrigados ao preceito da caridade para com Deos. Taes doutrinas, que serão condemnadas pelo Summo Pontifice Innocencio XI, estão em manifesta opposição com a Lei Divina, que lemos no Deutronomio; Diz esta Lei = Amarás ao Senhor teu Deos de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todas as tuas forças. Es-

Cap. 6.º
v. 5. e seq.

tes Mandamentos, que eu hoje te dou, serão gravados no teu coração, tu instruirás n' elles os teus filhos: tu os meditarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, ao dormires, e ao levantes-te. Tu os atarás como hum signal na tua mão: tu os trarás suspensos diante dos teus olhos: tu os escreverás na hobreira, e nas portas da tua casa. = He de toda a evidencia, que por nenhum outro fim o Divino Legislador ordenou aos Israelitas, que meditassem o preceito do amor de Deos, assim assentados em suas casas, como andando pelos caminhos; assim ao deitar a dormir, como ao levantar; que na mão troxessem hum signal, que excitasse a sua lembrança, e que o escrevessem nas hobreiras, e portas das suas casas, senão por que era da sua vontade, que frequentes vezes levantassem os corações a Deos com as graças, e louvores, que lhe são devidos.

Antes de fallarmos no amor do proximo, que he o segundo preceito fundamental da Religião Christã, diremos duas palavras sobre o amor de nós mesmos, que está comprehendido naquelle amor, pois que ninguem nos he tão proximo, como somos a nós mesmos. Este amor he necessario, por que assim como todos os corpos deixados a si mesmos buscão, e pendem para o centro, assim tambem nós não podemos deixar de amarmos a nós mesmos; e por isso que este amor he necessario, quanto devemos temer, que elle exceda os limites, em que se deve conter? Mostra a experiencia, que o amor proprio sendo moderado, e racional nos aperfeiçoa, e excita a praticarmos acções honestas, virtuosas, e até heroicas. Sendo porem excessivo, e desordenado, nos torna imperfeitos, e causa a nossa verdadeira infelicidade. E como o homem

he composto de alma, e corpo, para que o vosso amor proprio não exceda os seus justos limites, convem, e he necessario pelo que respeita á alma, que cada hum de vós procure prover, e adornar o seu Entendimento com o conhecimento dos devê-res, que lhe cumpre desempenhar no estado em que se acha collocado. Para este fim lêde, vos recomendamos, e estudai a Escriptura Sagrada, e seja este Divino Codigo o objecto das vossas mais serias meditações; e não deixeis de assistir ás Estações dos vossos respectivos Parochos, e de ouvir os Oradores Sagrados, que tem a seu cargo explicar a Doutrina christã, e expor as sublimes maximas do Evangelho. E em quanto ao corpo, convem, e he necessario, que o honreis, conservando-o na maior perfeição. Só assim he que o amor de vós mesmos he verdadeiro, e legitimo. Adverti, que vós sois membros do corpo místico da Igreja, cuja cabeça he Jesus Christo, e por consequencia sois o seu corpo; assim o diz o Apostolo aos Corinthios. Ponderai que os vossos membros são o Templo do Espirito Santo, que habita em vós, como diz o mesmo Apostolo em outro lugar. Considerai que os vossos corpos são os sanctuarios vivos, onde repouza o corpo de Jesus Christo. Ah!, meus amados Filhos, que motivos tão poderosos para conservardes os vossos corpos puros, e innocentes! O que profana o seu corpo, profana o corpo de Jesus Christo, por que he membro do mesmo corpo: profana o Templo, em que habita o Espirito Santo: profana o sanctuario, em que repouza o corpo de Jesus Christo. Que indignidade! Que horror! Por tanto o que profana o seu corpo com excessos, que a Lei, e a Razão condemnão, não ama a si mesmo, mas he inimigo capital de si mesmo.

Fp. 1.^a

Cap. 12.

v. 27.

Cap. 6.^o

v. 19.

Depois do amor de Deos, e de nós mesmos, nada nos hê tão natural, como amarmos os nossos semelhantes. Nós já observamos, que de todos os objectos, que nos cercão, nos são mais amaveis aquelles, em que descobrimos perfeições mais singulares, e notaveis. Ora não podemos deixar de considerar os homens mais perfeitos, que todos os outros entes, de que se compoem o Universo, por que a sua natureza, e essencia he a mesma, que a nossa, bem como todas as propriedades, de que são dotadas. Todavia o amor do proximo, a que a mesma natureza nos convida, e do qual depende o bem, e felicidade das familias, das sociedades, das Nações, e de todo o genero humano, como fosse quasi inteiramente despresado, e desconhecido, por que os homens se entregarão a hum amor proprio excessivo, e desordenado, Jesus Christo, que desceo á terra para os fazer felizes, e venturosos, instaurou aquelle preceito, que já se achava impresso no coração dos mesmos homens. Ordenou não somente, que amemos ao nosso proximo, mas que o amemos como a nós mesmos = Amarás o teu proximo como a ti mesmo =. Declarou ao mesmo tempo, sêr este o segundo Mandamento, que se parece com o primeiro do amor de Deos, para nos fazer conhecer a sua importancia; e nos ultimos periodos da sua vida manifestou aos seus Discipulos os motivos, por que os homens mutuamente se devem amar. *Eu dou-vos lhes disse, hum mandamento novo, que vos ameis huns aos outros, e que vos ameis mutuamente, como eu vos amei.* Oh! que motivo tão poderoso para o nosso coração se abraçar no amor do proximo! Somos amados por hum Deos, que não tem necessidade alguma de nós, nem dos nossos obzequios, e não havemos de fazer aos nossos semelhantes todo

Math.
Cap. 21.
v. 39.

o bem, que couber em nossa possibilidade, e ministrar-lhes todos os soccorros, que dependem de nós! Mas o Divino Mestre a este ajunta outro motivo, que deve fazer temer, e tremer esses homens endurecidos, em cujos corações está apagada a caridade = *Nisto*, continua o Nosso Salvador, *conhecerão todos, que sois meus Discipulos, se vos amardes huns aos outros.* A' vista destes tão expressos Mandamentos, o Christão, que não mata a fome a seu irmão, destituido dos meios de subsistencia, que o não veste, vendo-o nú, que não lhe accode na sua enfermidade, achando-se desamparado; em huma palavra, que não lhe presta, podendo, os soccorros, de que precisa, he réo de grave peccado, porque não o ama, pois que se o amasse, como a si mesmo, não seria insensivel á infelicidade, que opprime, e afflige, por tanto viola hum Mandamento fundamental da Religião christã, e não pode gloriar-se de ser discipulo de Jesus Christo = *Nisto* conhecerão todos, que sois meus discipulos se vós amardes huns aos outros = por consequencia renuncia a fé, abjura o christianismo, e sahe da escóla do Salvador.

E na verdade se nós somos obrigados a tomar o alimento necessario para a nossa conservação, a cubrir o nosso corpo com vestido decente, a usarmos de convenientes remedios, para curarmos as doenças, que nos affligem; em huma palavra se somos obrigados a apartar de nós tudo o que nos faz imperfeitos, e esta obrigação nasce do amor de nós mesmos, como poderemos dispensar-nos desta mesma obrigação para com o nosso proximo, ordenando-nos o Évangelho, que o amemos, como a nós mesmos? Esta obrigação, que liga a todos os homens, considerados como taes, he a mais estreita

entre os christãos, por que todos elles formão hum só corpo, cuja cabeça he Jesus Christo, todos são irmãos, por que são membros do mesmo corpo; donde se segue, que as necessidades de hums, devem ser necessidades de todos, e todo o infortunio, que acontece a hums, convem que seja commum a todos, e n' elle todos devem tomar parte, como se lhes fosse proprio, pois como disse o Apostolo aos Corinthios, *se hum membro padece todos os membros padecem com elle*. Não podemos pois negar nossos cuidados, nossa attenção, nosso ministerio ás necessidades do corpo, que todos formamos com Jesus Christo. Por tanto se hum christão nos disser = eu cumpro com o Mandamento do amor do proximo, por que ainda que não faço bem a pessoa alguma, a ninguem cauzo damno; por que respeito a propriedade dos outros homens, a sua vida, honra, e reputação, e a ninguem tenho odio = Nós lhe responderemos com as palavras do Apostolo S. João *enganas-te a ti mesmo, e não ha verdade em ti*, por que a caridade christãã não he indifferente, estéril, sem movimento, e sem acção, mas sim activa, e efficaz.

Desta importante verdade vamos a dar-vos huma prova incontrastavel. Naquelle dia, em que o Filho do Homem na sua Magestade, acompanhado de todos os seus Anjos, hade julgar todas as Nações, os reprobos ouvirão a funesta sentença da sua condemnação eterna; e nótai a razão, em que se hade fundar aquella sentença. Não lhes dirá aquelle sempre tão misericordioso, mas em tal dia tão terrivel Juiz, apartai-vos de mim para o fogo eterno, por que jurastes falso, porque commettestes adulterio, por que levantastes falso testemunho. São na verdade gravissimos estes pecca-

*Ep. 1.^a
Cap. 12.
v. 26.*

*1.^a Ep.
Cap. 1.^o
v. 8.*

*Math.
Cap. 25.
v. 41.
e seq.*

dos, bem como os mais condemnados pelos Mandamentos de Deos, mas não serão lançados em rosto aos reprobos; tão somente lhes dirá *pôrque não destes de comer uas que tinham fome, de beber aos que tinham sede, e não vestistes os nús; por que não recebestes em vossas casas os estranhos, e por que não visitastes os enfermos, e encarcerados.* Aqui tendes huma invencivel prova de quanto são desagradaveis a Deos os que não exercitão, podendo, as obras de misericordia, e beneficencia.

De tão importante, como incontestavel verdade nasce huma consequencia, que o nosso zelo, e amor paternal nos obriga a expôr. Attendei. Vós podeis gloriar-vos de serdes inclinados á piedade, e devoção. Destes louvaveis sentimentos são provas não equivocas a magnificencia, com que ornais os Templos, e celebrais Festas em honra de Deos, de sua Santissima Mãe, e dos seus Santos; o esplendor, que apparece nas Procissões sagradas, o silencio, e gravidade, que n'ellas, e nos ajuntamentos religiosos observais; a concurrencia de innumeraveis pessoas aos Templos, em que se expoem o Santissimo Sacramento; a humiliação, com que vos prostrais diante do mesmo Senhor, e o fervor, com que lhe dirigis as vossas supplicas. Nós temos sido testemunha ocular, e quantas vezes á vista de tanta devoção, e de tanto fervor, tem rebentado dos nossos olhos lagrimas d'alegria, e consolação? Mas adverti, que se não acudirdes, e soccorredes os vossos irmãos em Jesus Christo, que estão luctando com a fome, com as doencas, e com a miseria, que acompanha o estado da pobreza, aquelles louvaveis testemunhos, que dais a Deos, e ao mundo, do vosso amor, respeito e acatamento para com o mesmo Senhor, não lhe se-

rão agradaveis, porque não cuidais dos Templos vivos, em que habita o Espirito Santo, e dos santuarios vivos, em que repousa o corpo de Jesus Christo.

Os muito Reverendos Parochos, e Clero da nossa Diocese quizeramos, que gravassem bem em sua memoria o que temos dito. A caridade, virtude necessaria a todos os christãos, parece d'algum modo propria, e essencial aos Ministros da Religião. Dispensadores das graças, e beneficios espirituaes, que Jesus Christo legou á sua Igreja, elles devem ser ao mesmo tempo os pais dos pobres, os protectores, e amparo dos desgraçados. Nada ha mais poderoso para os homens, do que o exemplo, e os Fieis ordinariamente regulão suas acções pelas dos seus Pastores.

Consistindo o amor do proximo em amarmos aos nossos semelhantes, como amamos a nós mesmos, nada lhe pode ser mais contrario, do que os odios, as divisões, as parcialidades, e a discordia. Mas estas tão poderosas cauzas dos gravissimos males, que affligem, e flagellão os homens, as familias, as sociedades, e as Nações, não são menos oppostas á Lei, e Justiça Evangelica. O ministerio de Jesus Christo foi hum ministerio de reconciliação, e de paz. Elle na cruz reconciliou o homem com Deos, e os homens entre si, fazendo de muitos povos huma só Igreja, e de muitos Fieis hum só povo, de maneira que todos os Fieis, como disse S. Paulo aos Efezinos *são cidadãos da mesma Cidade, e domesticos da casa de Deos. Edificados,* continua o Apostolo, *sobre o fundamento dos Apostolos, e dos Profetas; sendo o mesmo Jesus Christo a pedra mestra angular, sobre a qual he construido todo o edificio. Ora se os Cidadões da mesma Ci-*

Cap. 2.
v. 19. e seg.

dade, se os domesticos da mesma casa, devem viver unidos todos n' hum reciproco amor; se as partes, de que se compoem hum edificio estão tão intimamente ligadas, que dissolvida a sua união, a edificio cahe em ruina, quanto serão desagradaveis a Deos as inimisades, as detracções, os odios, e as parcialidades, que inteiramente quebrão o vinculo d' amor, que deve ligar todos os Fieis, sendo elles Cidadãos da mesma Cidade, domesticos da casa de Deos. e entrando todos na composiçãõ do admiravel edificio, de que Jesus Christo he a pedra angular? Jesus Christo na cruz orou a seu Eterno Pai por aquelles mesmos, que o injuriavão, affrontavão, e lhe havião de dar a morte. Com este exemplo de mansidão, e amor pelos homens, ensinou, que o christão deve ser hum homem doce, e pacifico, amar a todos, e até os seus inimigos. Em nua palavra as divisões, os odios, e as parcialidades tendem a destruir o admiravel plano, que Jesus Christo concebeo na sua Mente de formar de todo o genero humano hum só povo.

E sendo huma das nossas mais estreitas, e rigorosas obrigações pastoraes annunciar as verdades, que o Divino Fundador da Igreja ensinou aos homens (*ai de mim*, diz o Apostolo, *se eu não pregar o Evangelho*) cumpre-nos rogar-vos, como com a maior instancia rogamos, que vivaís em paz, e concordia Não presteis attenção ao que a carne, e o sangue vos excita, ou que o mundo vos ensina, ou que a natureza corraumpido vos aconselha, e ao que a vossa fraca Razão vos inspira, mas vivei, como recommendou o Apostolo aos Corinthios n' huma perfeita unidade de sentimentos, e affectos, como irmãos, pois que somos membros de Jesus Christo, e filhos de Deos; e sejão para sempre des-

1.^a aos Corinthios. Cap. 9. v. 16.

1.^a aos Corinthios. Cap. 1.^o v. 10.

terrados d' entre vós os resentimentos, as inimisades, os odios, e as parcialidades.

He verdade, que entre vós acabarão as dissensões religiosas, bem semelhantes ás que o Apostolo muito estranhou aos Corinthios, entre os quaes huns dizião nós somos de Paulo; dizião outros nós somos d' Apolo; outros se jactavão de ser de Céfas, e outros se gloriavão de ser de Jesus Christo: por que (graças sejam dadas ao Santo Padre Gregorio XVI., que com tanta attenção, e desvélo vigia sobre toda a Igreja de Deos) o horrendo monstro do scisma religioso envergonhado, e confundido se retirou desta Igreja para os tenebrosos abismos, que são sua propria habitação, e não permita Deos, que torne mais a vêr a luz do dia. Mas porque a natureza do homem está corrompida, talvez existão ainda indisposições, e resentimentos entre os que pertencerão aos diversos partidos religiosos. Ah! meus amados Filhos, fazei morrer, se ainda existem, nos vossos corações aquellas sementes de divizão, e d' odio, que não podem produzir, senão venenosos fructos. Esqueçamo-nos do passado, e abracemo-nos como irmãos, *não de palavra, nem de lingua, mas por obra, e em verdade*. Imitemos aquella admiravel tolerancia, e mansidão do Divino Mestre Salvador do Mundo. Sigamos as santas doutrinas do Evangelho, que não ordena impossiveis, mas aquillo, que mais pode tender á nossa perfeição. *Amai os vossos inimigos, e fazei bem aos que vos tem odio.*

Esta mesma exhortação, como Ministro, que somos de Jesus Christo, e como vosso concidadão, dirigimos com toda a esfluzão do nosso amor paternal aos que pertencem a diversos partidos, ou *córes* politicas, pois que os resentimentos, as detra-

Ep. 1.^a
Cap. 1.^o
v. 12.

S. João
Ep. 1.^a
Cap. 3.
v. 18.

Luc. Cap.
6.^o v. 27.

ções, os odios, e inimizades, consequencias necessarias de taes partidos, não só se oppoem á caridade, recommenda no Evangelho, mas cauzão a desgraça da Nação, para cuja felicidade todos os cidadãos devem unir suas forças, e dirigir suas acções. He huma verdade incontestavel, que o salutar fim da associação civil, qual he a segurança, e a prosperidade temporal, sem a união, e concordia não se pode obter. Com a concordia crescem as cousas pequenas, e sem ella cahem os maiores. Resistem unidas a qualquer força, as que divididas erão fracas, e inuteis. Todas as obras da natureza se mantem com a amizade, e concordia, e em faltando desfallecem, e morrem, não sendo outra a cauza da morte, que a dissonancia, e discordia das partes, que mantem a vida. Assim succede aos Estados: hum consentimento commum os unio, e a dissensão da maior parte, ou da mais poderosa, os perturba, e destróe, ou lhes induz novas formas. O Reino, que pela concordia era hum, sem ella vem a ser dois, e ás vezes tres, ou quatro, faltando-lhe o reciproco amor, que reduz a corpo os Cidadões. A desunião gera o odio, de que nasce logo a vingança, e destas tão vehementes paixões, o desprezo das Leis, sem cujo respeito perde a

Sap. Cap.
18 v. 9?

força, a justiça, e sem esta se vem ás armas. Quem, desunido o Reino, poderá manter o fogo das dissensões em certo termo seguro? Quem, depois d'acceso o fogo d'huma guerra civil, o poderá apagar, estando todos n'ella envolvidos? A maior facção arrastará a outra, e aquella por manter-se, e esta por vingar-se, empregará todas as traças, com que o Reino de todo se perca, a forma do Governo se mude, a propriedade fique sem segurança, e todos sem Patria, e sem Governo Paternal, e natural.

Evitemos, amados Filhos, tão eminente perigo, de que nos achamos ameaçados. O remedio está na nossa mão. Se queremos ser grandes na nossa situação desgraçada, sejamos justos, soffredores, e moderados; e se queremos, que desapareção os gravissimos males, que tão cruamente nos flagellão amemo-nos reciprocamente como irmãos todos os que temos o sangue, e o nome Portuguez. Mas para este fim he mister, que não vos injurieis com diversas denominações huns aos outros; que não assoalheis, principalmente nos escritos impressos, as imperfeições, e defeitos do vosso proximo; porque ainda mesmo, que taes arguições sejam verdadeiras, ellas offendem a caridade, e sendo falsas, e calumniosas, devem ser lidas, e ouvidas com horror entre vós, que sois christãos; que não procureis elevar-vos aos empregos sobre a ruina dos vossos concidadãos, e irmãos, e finalmente que não desvieis com fogosas, e ardentes invectivas as Authoridades do cumprimento das suas funcções. Taes são as reflexões, e conselhos, que como vosso concidão offerecemos á vossa consideração; e não cessaremos como vosso Prelado de supplicar a Deos, que faça descer o seu Divino Espirito sobre os vossos corações, para n'elles se restabelecer a preciosa virtude da paz, e da concordia. O mesmo Senhor, que logo desde a fundação deste Reino se dignou toma-lo debaixo da sua especial Protecção, e Tutela, assim o permitta, e então não seremos inferiores aos nossos Maiores, que por isso que no que respeitava á politica, e aos negocios publicos parece, que tinha huma só alma, e hum só coração, immortalizaram o seu nome por feitos tão grandes, tão heroicos, e tão gloriosos, que não podem deixar de se encher d'admiração, e pasmo, os que

lêrem as historias daquelles felicissimos tempos.

Sendo certo, como acima fica mostrado, que he inteiramente morta, e insufficiente para a salvação eterna, a fé, que não he acompanhada da virtude da caridade, como tal deveis considerar a fé daquelles christãos, que não cumprem os devêres inherentes aos respectivos estados, em que se achão collocados. Sem amor de Deos não ha caridade, e não amão a Deos os que não desempenhão os devêres proprios do estado, em que se constituem. Taes são por exemplo os chefes de familia, que na qualidade de maridos não amão suas mulheres, e as tratão com amargura; na qualidade de pais não cuidão em instruir seus filhos na Doutrina Christã, e dirigi-los com boas maximas, e com bons exemplos pelo caminho da virtude, e da honra, pois que rigorosamente são obrigados a educalos no amor, e temor de Deos; e na qualidade de amos tratão os seus criados com dureza, e com palavras soltas, e máos exemplos, os prevaricão. A fé de taes chefes de familia he inteiramente morta, estando, como na verdade estão, comprehendidos na sentença do Apostolo, que lêmos na carta dirigida a Timotheo *se alguém, diz o Apostolo não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua casa, esse renunciou a fé, e he peor, que hum infiel.* Taes são os Ecclesiasticos, que, devendo a sua vida ser em tudo santa, pois que o ministerio, que exercem, requer pureza angelica, escandalisão os povos, já por huma conducta pouco regular, já por não guardarem na administração das couzas Sagradas, e espirituaes aquella gravidade, decencia, e dignidade, que exigem couzas tão santas, e que tanto devemos respeitar; não se abstem dos negocios seculares, que os Sagrados Canhões lhes prohibem, e uzão de

*Colss. Cap
3.º v. 19.*

*Evis X 1.ª
Cap 5.º
v. 9.*

vestidos, que senão ajustão com as disposições de Direito, e dos nossos Predecessores. E que diremos daquella tão funesta classe d'homens, que procurão augmentar as suas riquezas por meios, e especulações, que a Razão, e a Justiça condemnão? A insaciavel cobiça de dinheiro, que os abraza, reduz innumeraveis familias á miseria, e indigencia. Que insensibilidade! Delles está mui longe a virtude da caridade, por que violão o preceito do amor do proximo. Opportuna occasião agora se nos offerecia de fazermos graves exhortações aos nossos subditos, discorrendo pelas diversas classes, ou estados, em que estão constituidos. Como isto porem não cabe nos estreitos limites d' huma Carta Pastoral nos restringeremos a exhorta-los ao cumprimento d' hum importante devêr, e tão geral, que a todos abrange, e a todos comprehende.

Por certo, meus amados Filhos, he inteiramente mortá a fé dos christãos, que não respeitando com o devido acatamento os dois supremos Poderes, hum a Sagrada Authoridade dos Summos Pontífices, e Bispos, e outro a dos Imperantes Civis, sobre os quaes se volve, como em dois firmissimos exes a machina deste Mundo, desprezão as determinações emanadas dos mesmos Poderes, que a sábia Providencia de Deos constituiu, e ordenou para a manifestação da sua Divina Gloria, e felicidade do genero humano: por que na verdade se he incontestavel, que aquelles, que ouvem o supremo Pastor da Igreja, e os seus respectivos Pielados, constituidos pelo Espirito Santo para governar a mesma Igreja, ouvem a Jesus Christo, e os que os desprezão, a Jesus Christo desprezão; não he menos certo, que são réos de gravissimo peccado os que não reconhecem a obrigação de obede-

Luc. Cap.
10 v. 16.

cer ao Governo estabelecido em a Nação, a que pertencem, qualquer que seja a sua forma; ou que reconhecendo esta obrigação, não observão as Leis constituidas pelo mesmo Governo. *Dai a Cesar*, disse Jesus Christo aos Fariseos, *o que he de Math. Cap. 22. v. 21 Cesar*. Esta tão compendiosa sentença, com que a Verdade Eterna rectificou o direito, que tem as Republicas, os Imperios, e as Nações de prescrever regulamentos adequados ao fim da associação civil, com o qual direito necessariamente está conexa a sujeição, e obediencia dos Cidadãos, se acha assáz desenvolvida, e declarada pelo Principe dos Apostolos, e pelo Apostolo das gentes. Este tão claro luzeiro da Igreja na Epistola, que dirigio aos Romanos, lhes deu este documento. *Cap. 13. Todos os homens estão sujeitos ás Potestades superiores*. E ainda que os Principes se tornão respeitados pelo Poder da Espada, inherente á Magestade, que n'elles reside, comtudo, não he principalmente, diz o Apostolo, pelo temor, que os Cidadãos lhe devem prestar obediencia, mas sim por causa da consciencia, *non solum propter iram, sed etiam propter conscientiam*.

Pode acontecer, que os Principes, por que são homens, abuzem do seu poder; mas nem por isso os Cidadãos ficão desobrigados de lhes prestar o respeito, e obediencia; que lhes he devida, como representantes de Deos na direcção, e governo dos Estados. Esta maxima, da observancia da qual depende a tranquillidade, e segurança dos povos, bem claramente foi inculcada pelo Principe dos Apostolos na sua primeira carta, que dirigio aos Fieis para a sua instrucção, e edificação. Depois de lhes recommendar, que sejam sujeitos por amor de Deos a toda a humana creatura, quer seja ao Rei, como

Cap. 2.º v. 13., e sey.

Soberano; quer aos Governadores, como a enviados da sua parte; que temão a Deos, e respeitem o Rei, acrescenta, que sejam submissos aos seus superiores em toda a sorte de respeito; não somente aos bons, e humanos, mas tambem aos que são duros, e trabalhosos, e funda este seu documento em huma razão, que deve levantar os animos, e encher d' huma doce consolação aos atribulados, e perseguidos; a qual he, que se obrando nós o bem, levarmos com paciencia os máos tratamentos, isto he, que he agradavel a Deos, pois que Jesus Christo, quando o carregavão de maldições, não respondia com maldições, e no meio das dores, que padecia, não fazia ameaças, mas entregava se nas mãos daquelle, que o julgava injustamente. Nisto o Divino Salvádor nos deixou hum exemplo de admiravel paciencia, para seguirmos as suas pizadas, as quaes exactamente forão seguidas pelos christãos dos primeiros seculos, e estes serão sempre imitados por todos os verdadeiros Fieis, que existirem até á consummação do mundo. Havia, como attesta Tertuliano, innumeraveis christãos nos campos, nas aldeas, nas Cidades, no Exército, nos Tribunaes, e os Imperadores achavão-se nos seus Palacios cercados de Christãos. E apezar de serem os Imperadores inimigos capitaes da Religião de Jesus Christo, e crueis perseguidores-de todos, que professavão tão santa doutrina, os christãos não só nunca tentarão sacudir o jugo da tyrannia, e oppressão, que tão gravemente os affigia (não seria talvez pelo seu grande numero temeraria huma tal tentativa) mas pelo contrario em tudo que não era opposto á Lei de Deos, e á Religião de Jesus Christo, forão os subditos mais fieis, e obedientes aos mesmos Imperadores. Oh!-quanto esta admiravel

Apolog.
Cap. 38.

Religião he avantajosa á estabelidade, e firmeza dos Imperios! A sua excellencia entre todas as Religiões conhecidas, que nenhum homem de bom senso pode negar, no que respeita á fidelidade, e obediencia aos superiores, he reconhecida pelos seus mesmós inimigos.

Já vêdes, meus amados Filhos, quão rigorosas serão as contas, que hão de dar a Deos os que não cumprem os Mandamentos, que a Igreja nossa Mãe tem estabelecido para a santificação dos Fieis. bem como os que não observão as Leis constituidas pelos Senhores Reis deste Reino, e pelo Governo, afim de vivermos em paz, e segurança, e na abundancia das cousas necessarias á nossa conservação, e das que servem às commodidades da vida: por que tornamos a dizer (não são demaziadas as repetições em assumptos de grande importancia) os que violão os Preceitos da Igreja, não dão a Deos, o que he de Deos; e os que infringem as Leis Patrias, não dão a Cesar, o que he de Cesar. Huns e outros não amão a Deos, porque aquellas palavras *dai a Cesar o que he de Cesar, e a Deos o que he de Deos*, sahirão da boca do Divino Salvador, e diz o Evangelista S. João *o que me não ama, não guarda as minhas palavras*. E, não só não amão a Deos, mas de Deos são inimigos, por isso que pelas suas desordenadas acções obscurecem a sua Divina Gloria, que tanto mais se manifesta, e brilha, quanto mais regulares são, e perfeitas as sociedades Ecclesiastica, e Civil, que serão constituidas pelo mesmo Deos; e he certo, que a regularidade, e perfeição destas sociedades depende da conformidade das nossas acções com os seus respectivos fins.

Observai pois religiosamente os saudaveis Pre-

Cap. 14.
v. 24.

ceitos da Igreja, e pagai fielmente os tributos impostos pelo Governo, como meios absolutamente indispensaveis para suprir tantas, e tão variadas despezas publicas, que todas se encaminhão ao bem, e prosperidade do Estado. Disto nos deixou hum admiravel exemplo o Divino Salvador, que sem embargo da summa pobreza, em que sempre viveo, pagou o tributo de duas Dracmas. Tomai com a lacridade as armas, quando o Governo assim o determinar. Do cumprimento deste dever tendes hum illustre exemplo nos christãos dos primeiros seculos, que a pezar de serem cruelmente perseguidos pelos Imperadores, forão seus subditos fidelissimos assim na paz, como na guerra, na qual, por que erão virtuosos, muitas vezes se distinguirão por feitos gloriosos; e não vos recuzeis aos encargos publicos, mas desempenhai os deveres, que lhes são inherentes, com honra, zelo, e fidelidade. Em huma palavra sede bons christãos, e bons cidadãos. A isto he que deve dirigir-se toda a vossa attenção, todo o vosso cuidado, e diligencia; e o conseguireis, se ajudados por Deos, que não nega a sua Graça, a quem a pede, fizerdes da vossa parte, quanto em vós couber, para que as vossas acções sejam santificadas pela virtude da caridade. Então vós terminareis felizmente a vossa peregrinação na terra, e ireis gozar na Patria Celestial do Summo Bem por toda a eternidade; e persuadi-vos, que cordealmente vos dezejamos tão grande felicidade.

Estamos certos, que deste mesmo nosso ardente desejo se achão animados os Reverendos Parochos, nossos veneraveis Irmãos, e Cooperadores; por que não ignorão, que sendo Pastores dos respectivos rebanhos, que a Divina Providencia confiou ao seu cuidado, tem de dar contas a Deos pelas o-

Marc.
Cap. 10.
v. 4.

velhas, que se perderem por seu descuido, e negligencia (e quão rigorosas serão, se tão lamentavel perda proceder da sua ignorancia, e máo exemplo!) e tambem porque conhecem, que o testemunho mais grato, que nos podem dar, da sua correspondencia ao verdadeiro affecto, que lhe professamos, he o exacto, e fiel cumprimento dos deveres do seu tão alto ministerio. Por huma e outra razão esperamos do seu zelo, e virtudes, que nos prestem o auxilio, de que muito carecemos, para desempenharmos as arduas, e espinhosas obrigações, que estão a nosso cargo. Sim veneraveis Irmãos, e Cooperadores nossos, vós nos prestareis este auxilio para nós tão necessario, e proveitoso, se vós, que sois a luz do mundo, conservardes essa luz cujo alimento são a doutrina, as virtudes, e o bom exemplo; por que com ella á testa dos vossos freguezes podereis facilmente introduzi-los pela porta estreita, e conduzi-los pelo apertado caminho, que guia para a vida. Mas se aquella preciosa luz em vós se extingue, os vossos freguezes ficarão n' huma tenebrosa obscuridade; difficultosamente acertarão com aquella porta estreita; encontrarão naquelle caminho apertado invenciveis torpessos, e em resultado seguirão o caminho espaçoso, que he o da perdição. Sim vós nos ajudareis na proveitosa cultura desta tão vasta vinha do Senhor, se vós, que sois o sal da terra, o conservardes em toda a sua pureza, por que o sal tem a virtude de preservar da corrupção os corpos, a que se applica; mas se esse sal se corrompe, o rebanho padecerá lastimosas enfermidades; finalmente, se vós, que sois as fontes donde bebem os vossos respectivos rebanhos, as conservardes limpas, e puras.

Reconhecemos, que estas reflexões, que vos

Math.

Cap. 7.

v. 13. e 14

dirigimos, a nós mesmos principalmente dizem respeito; e ai de nós, se em nós deixarmos extinguir aquella luz, cujos raios se devem estender aos mais remotos angulos desta tão vasta Diocese, para que os nossos subditos possam dar passos seguros no apertado, e difficultoso caminho, que guia à salvação eterna; se deixarmos corromper o sal, que serve de preservativo ás enfermidades de tão numeroso rebanho, e se não conservarmos pura, e limpa a fonte, de que bebe o mesmo rebanho. E para que não aconteça a nós, a vós, e a todos os nossos subditos tão grande desgraça, rogamos a todos, que de nós se lembrem nas suas orações, pedindo a Deos nos dê forças para suportarmos o pezo d' hum para os nossos fracos hombros tão pezáda carga, e para não deslustramos a gloria desta Santa Igreja, e a de tantos respeitaveis Varões, que a tem regido. Nós não cessamos de supplicar a Deos, como outro Salomão, que se digne darnos hum coração docil, e a necessaria intelligencia, para discernir entre o bem, e o mal, a fim de podermos acertar, a julgar, e governar bem o seu povo, *Dabis Domine, servo tuo cor docile, ut populum tuum judicare possit, et discernere inter bonum, et malum. Quis enim judicare poterit populum istum, populum tuum multum?* Uni pois ás nossas as vossas orações, nas quaes muito confiamos, e subão como hum suavissimo incenso até ao Throno do Altissimo.

L.º 3.º dos
Reis Cap.
16.

Finalmente, meus amados Filhos, dirijamos ao Ceo ardentes, e fervorosos votos pela preciosa vida, e saude do Supremo Pastor da Igreja, o Santissimo Padre Gregorio XVI., a quem somos devedores do inestimavel bem da paz religiosa, em que hoje felizmente vivemos, mas que foi por tantos annos perturbada: pela preciosa vida e saude

da nossa Soberana a Sênhora D. MARIA II. e de Sua Magestade ELREI o SENHOR D. FERNAN-
do II; que merecem o nôssô maior amor, respei-
to, e veneração, sendo bem difficultoso julgar, em
qual dos Augustos Conjuges brillhão mais as virtu-
des Religiosas, e Civis, de que são adôrnados, e
pela preciosa vida, e saude de toda a Serenissima
Familia Real. Recebei amados Filhos, a nossa
Benção, acompanhada daquellas affectuosas pala-
vras, que o Evangelista S. João dirigio aos heis,
e vos rogamos, que as entregueis á memoria, e
que fiquem bem gravadas nos vossos corações.

*Ep. 1.^a
Cap. 4.^o
v. 11.* *Carissimos se Deus nos amou, devemos nós tambem
amarmonos huns aos outros*

E para que esta nossa exhortação Pastoral
chegue á notícia de todos os nossos Subditos, or-
denamos aos Reverendos Parochos que depois de
Ihe ser entregue a publiquem á Estação da Missa
Conventual; para o que farão convocar especial-
mente o Clero, e o Povo das suas respectivas Pa-
rochias. Dada em Braga aos 15 de Septembro de
1843.

Lugar do Sello.

Pedro Archbispo Primaz.



Typographia Bracharense 1843.

BLCS - BRAGA



286802

92